

Literatura de Cordel, 1.695

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante  
Trovador Brasileiro

ZÉ GORDO — O HOMEM DO POVO



1ª edição ..... 1984

## P R E F A C I O

“O indivíduo que trabalha, acerca-se continuamente do Autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende também a dele”.

Rui Barbosa

Das biografias, em versos, do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, por certo “Zé Gordo — O Homem do Povo” está fadada a alcançar grande sucesso nacional.

Trata-se de um personagem simpático, trabalhador, ex-Prefeito de Cristalina — Goiás, que mereceu a consagração do povo de sua terra. Homem trabalhador, temente a Deus, que faz do próximo o seu irmão e por isso ainda o Povo de Cristalina o quer para Prefeito.

Rodolfo Coelho Cavalcante — um autêntico escritor popular fez da sua narração um-cordel agradável e retratou um homem de ideal, mesmo sofrido por incompreensões de adversários políticos, muito contribuiu para o progresso do seu município.

Zé Gordo fica na História da Literatura de Cordel como um personagem marcante, popular e amigo do Povo por tudo que realizou na sua grande gestão.

Biógrafo e biografado estão de parabéns.

Armando de Oliveira Silva

(Poeta e Escritor consagrado nome na Poesia Popular Brasileira, e na Bahia).

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante  
Trovador Brasileiro

## ZÉ GORDO — O HOMEM DO POVO

Dos grandes Vultos da Pátria  
Que a minha pena domina  
Escrevo biografias  
Como que por uma sina,  
Agora falo de um filho,  
Pelo seu imenso brilho  
Da Cidade Cristalina.

Cristalina é uma Cidade  
De porte monumental  
Do Estado de Goiás  
Distante da Capital,  
Deu-se seu progresso após  
JOSE RODRIGUES QUEIROZ  
Seu Chefe Municipal.

É o Zé Gordo conhecido  
Por toda população  
Que deixou seu nome escrito  
No âmago do coração  
Do povo de Cristalina,  
Cuja terra hoje fascina  
Graças a sua gestão.

No ano mil novecentos  
E vinte e nove nasceu  
O Sr. José Rodrigues  
De Queiroz, bem digo eu,  
Por Zé Gordo apelidado,  
Cidadão muito estimado  
No lugar em que viveu.

Daniel Rodrigues sendo  
Um honesto fazendeiro  
Ao nascer o nono filho —  
Seu futuro companheiro,  
Pedi a Jesus o brilho  
Que iluminasse seu filho —  
O seu fruto verdadeiro.

Dona Henriqueta Andrezinha  
De Jesus muito contente  
Pedi para a Mãe de Deus  
Que aquela santa semente  
Trouxesse felicidade  
Ao seu Povo e a à sua Cidade  
Para orgulho de sua gente.

Dez filhos deste casal  
Sendo o primeiro Crispim  
E o segundo Amadeu,  
Galvão — o terceiro, enfim,  
Depois Elfrida e Alfredo,  
Nestório, digo sem medo,  
Cada qual um querubim.

Sétimo — nasceu Daniel  
Num dia muito fagueiro,  
Veio oitavo — Maria  
Pra alegrar o Fazendeiro,  
Zé Gordo foi o penúltimo  
E por fim chegou o último  
Oliveira — o derradeiro.

Desde criança José  
Ficou sendo apelidado  
Por ZÉ GORDO, por ser ele  
Baixinho, gordo, engraçado,  
De um coração bondoso  
Mas brincalhão e teimoso,  
Dando para os seus pais cuidado.

Na sua infância viveu  
Zé Gordo, em Santa Luzia,  
Que é hoje Luziânia  
Terra que Deus pretendia  
Pôr um homem de ação  
Pra cuidar da região  
Que aos poucos, pouco, morria.

Ao lado de Inácio Neto,  
Jesus Meirelles, Vicente  
Ferrer de Melo — os amigos  
Cada qual irrenitente  
Fez parte da sua infância,  
Porém com a substância  
De lealdade, somente.

Roberto Selin também  
Da infância, companheiro,  
Eram seus fiéis amigos  
Para um futuro altaneiro,  
Alguns foram doutorados,  
Outros sendo Deputados  
E ele bom Fazendeiro.

Menino alegre e travesso  
Sempre foi um brincalhão,  
Por isso que era querido  
Por toda população  
Assim foi ele crescendo  
Com o povo se entendendo  
Para cumprir sua missão.

De muitas suas travessuras  
Zé Gordo nunca se esquece,  
Nos conta Luiz Alberto —  
O seu filho que merece  
A nossa admiração  
E o preito de gratidão  
Pelos dados que fornece.

— Certa senhora chamada  
Josefina possuía  
Um pomar cheio de frutas  
Porém a ninguém vendia,  
Zé Gordo um dia chegou  
E à compra lhe falou  
A fruta que pretendia.

— As minhas frutas não vendo,  
Todas são do seu Vigário.  
Zé Gordo disse consigo:  
Velhinha não sou otário...  
Ficou ela tapiando  
Com conversas enrolando  
Para outro "necessário".

Seus companheiros que estavam  
Descalços, de peitos nús,  
Cairam lá no pomar  
Parecendo uns urubus,  
O que quizeram levaram  
E aborrecidos pelaram  
Uns quatro pés de cajus.

Zé Gordo — o chefe da turma  
Pagou pela brincadeira,  
Pois Dona Henriqueta soube  
E a surra foi de primeira...  
Tudo isso, na verdade,  
Foram coisas da idade  
Quando a vida mais fagueira.

Dos seus amigos de infância  
Zé Gordo sente saudade.  
Exemplo: Jesus Meirelles  
Hoje personalidade,  
Homem de elevada idéia  
Já presidiu a Assembléia  
Do seu Estado, em verdade.

Seu cavalinho "FUMIM"  
Era um animal ensinado,  
Quem o chamasse "INIMIGO"  
Recibia seu "trocado"...  
O animal se aborrecia  
E por certo pagaria  
O cabra que fosse ousado.

Jesus Meirelles ao lado  
Da mãe dele conduzia  
Uma bacia de roupa  
E quando Zé Gordo via  
Montado no seu cavalo  
Somente para assanhá-lo  
Com o cavalo bolia.

"INIMIGO" ou "INIMIGO!"  
A frase não terminou  
Porque FUMIM enfezado  
Com ele não conversou.  
Deu dois pinotes, partiu,  
Que o menino ali caiu  
Quando não se levantou.

Foi aos seus 16 anos  
Que começou a estudar  
Zé Gordo, lá, em Silvânia,  
Para poder enfrentar  
A vida, melhor assim,  
Foi no COLÉGIO BONFIM  
Para deixar de brincar.

Devido as travessuras  
Que José ali fazia  
Os Padres como castigo  
O levou pra Enfermaria,  
E na hora do recreio  
Por causa do seu paleio  
Deixava-o na Portaria.

Completando seus estudos  
Primário e Girasial  
Perdeu o seu pai querido  
Cuja dor foi crucial,  
Ao ficar na orfandade  
Sua vida, na verdade,  
Teve mudança total.

Foi se unir aos irmãos  
Mancebos trabalhadores  
Para cuidar das Fazendas  
Para aumentar seus valores,  
Pois só assim, na verdade,  
Teria prosperidade  
Como bons agricultores.

As lavouras das Fazendas  
Cuidaram ser cultivadas  
Se tornando logo prósperas  
E melhor valorizadas,  
Muito gado possuía  
E a família progredia  
Por suas lutas honradas.

Zé Gordo, com 20 anos,  
A filha do ex-Intendente  
Elza de Paiva sentiu  
Um amor surpreendente.  
Logo se apaixonou  
E depressa a conquistou  
Como sua pretendente

Otaviano de Paiva  
Rezende não se estranhou  
E como genro e amigo  
Muito contente o aceitou,  
Zé Gordo homem abastado  
Bastante conceituado  
O himeneu se realizou.

Indo morar na Fazenda  
Que o pai havia deixado  
Zé Gordo com sua esposa  
Criando bastante gado  
E com vastas plantações  
Honrava as gerações  
Dos Queiroz, do seu passado.

Comprava gado e vendia  
E assim desenvolvendo  
Nasceu o primeiro filho,  
O único, melhor dizendo,  
Garoto bonito, esperto,  
Por nome Luiz Alberto  
Com o velho pai parecendo.

Orlando Braz de Queiroz  
Um primo de confiança  
Que foi um dos seus amigos  
Quando em tempo de criança,  
Zé Gordo dando risada  
Fala de uma caçoada  
Que não lhe sai da lembrança

Orlando tinha um apelido  
Conhecido por "TILANO",  
Solteirão desiludido  
De Zé Gordo, quase um mano  
Deu-se numa pescaria,  
Mas uma daquele dia  
De Zé Gordo, todo ufano.

Foi na "FAZENDA POÇÕES"  
Antiga propriedade  
De Zé Gordo que Tilano  
Quando lhe dava vontade  
Ia saudade matar  
Somente para pescar  
Para esquecer a cidade.

No Ribeirão "SAMAMBAIA"  
Começou a pescaria,  
Tilano jogou o anzol  
Na água, com euforia,  
E saiu ligeiramente  
Zé Gordo arditosamente  
Sua travessura fazia.

Num arreo dos vaqueiros  
Zé Gordo o anzol pregou,  
Tilano muito contente  
Quando seu anzol puchou  
Fez força, não conseguiu,  
Pelo peso ele sentiu  
Que um grande peixe físgou.

Naquela hora o rapaz  
Abriu a boca gritando  
— Chega gente, me ajuda,  
Que meu anzol tá fisingando  
Um peixe descomunal.  
— Me ajuda pessoal  
Que o peixe está bufando!...

Ao depois do puxa-puxa  
O arreio apareceu,  
Zé Gordo dando risada,  
Tilano se aborreceu,  
Dizendo: — só poderia  
Ser sua patifaria,  
Seu cara de maçabeu.

— Eu tive pressentimento  
Que havia "coisa" feita,  
E só podia, Zé Gordo,  
Ser uma sua nova treita.  
— Pegar arreio, me deixe...  
Aqui ninguém pega peixe  
Para pagar a desfeita.

Sairam todos sorrindo  
Foram pra casa almoçar.  
Tilano que nunca mais  
Foi para Poções pescar.  
Zé Gordo não se emendava  
Porque logo planejava  
Outra para alguém pegar.

Dos seus amigos — Salu  
Este não é esquecido  
Por Zé Gordo. O tal rapaz  
Era um mancebo sofrido,  
Por uma asma danada  
Era uma pessoa cansada.  
Amarelo desnutrado.

Deu-se numa sexta-feira  
Conta Zé Gordo saudoso,  
Pois sabendo que Salu  
Era surpersticioso  
Mandou assar uma chouriça  
Dessas rosada maciça  
Pelo seu plano engenhoso.

Salu disse: — Deus me livre  
Comer carne sexta-feira,  
Pelo amor de Deus, Zé Gordo,  
Deixe dessa brincadeira,  
Custando lhe convencer  
Salu teve que comer  
Na maior da tremendeira.

A noite Zé Gordo fez  
Com Salu uma do cão,  
Mandou alguém se vestir  
Com o seu camisolão  
E parecendo um fantasma  
Salu com medo e com asma  
Ajoelhou-se no chão.

— Eu juro minha santa Alma  
Que por mim eu não comia,  
Culpado foi o Zé Gordo  
Que fez a sua arrelia,  
Zé Gordo dando risada  
Disse: qual alma, qual nada,  
Deixe desta covardia.

Muitos casos de Zé Gordo  
Cheios de bom humorismo  
Daria para um folheto  
Por seu encanto e lirismo,  
Mas. Vamos falar agora  
Do homem que o Povo adora  
Por seu amor e civismo.

Em mil novecentos sessenta  
Zé Gordo participou  
De uma grande descoberta  
De Cristal que ali brotou,  
Na "ÁREA DOS FAZENDEIROS"  
Ele e outros companheiros  
Toda a região mudou.

No ano Setenta e Seis  
Zé Gordo foi empurrado  
Ao ingressar na Política,  
Tendo seu nome cotado;  
Por seu prestígio e conceito  
Como Prefeito é eleito  
Num Partido iniciado.

Derrotou os candidatos  
Da chamada antiga Arena,  
Cristalina viu-se em festa  
Com aquela bonita cena,  
O PMDB venceu  
E a grande Arena perdeu  
E ninguém chorou com pena.

Ao assumir a Prefeitura  
Aquele homem roceiro  
Seis anos teria ele  
Se tornar o vanguardeiro  
Daquele povo sofrido  
Espoliado e oprimido  
Como Líder verdadeiro.

Que luta dura e penosa  
Lutar contra a oposição.  
Tudo quanto ele queria  
Os rivais diziam: Não!  
Mesmo solvendo vinagre  
Realizou o milagre  
De sua disposição.

Com vontade de fazer  
Tudo para sua gente  
Deu nova vida a Cidade,  
Pôs o progresso pra frente,  
Só tinha ele um princípio  
Progredir seu município  
Como um Chefe competente.

Sem apoio do Governo  
Do Estado de Goiás,  
Sofrendo perseguições,  
Guerra fria e tudo mais,  
Não deu bola aos opressores  
Nem tão pouco aos faladores  
Que ao Povo nada faz.

Tinha hora que Zé Gordo  
Pensava tudo largar  
Mas tinha o seu compromisso  
Com o povo do lugar,  
Fez Cristalina crescer,  
Tudo se desenvolver  
Sem nada se incomodar.

Chegou a sofrer enfarte  
Com tanta perseguição,  
Quatro pontes de safena  
Sofreu o seu coração,  
Mas como o ideal é forte  
Venceu ele a própria morte  
Honrando a Administração

Terminou o seu mandato  
Todo coberto de glória,  
Nos braços do próprio Povo  
Passando para a História,  
Seu nome hoje é lembrado  
Dele voltar abraçado  
Para servir de memória!

Seu filho Luiz Alberto  
A sua História escreveu  
Contando como Zé Gordo  
Lutou, sofreu e venceu,  
Fez do seu Povo um amigo,  
E em vez do inimigo  
Só o seu nome cresceu.

Voltou à vida privada  
Após a missão cumprida,  
E perante os conterrâneos  
Anda de cabeça erguida,  
Cristalina no presente  
O deseja novamente  
Para ser mais protegida.

Que Zé Gordo ou o próprio Filho  
Nesta próxima eleição  
Volte à terra governar,  
Assim já diz o Povão,  
Zé Gordo ou Luiz Alberto  
De Queiroz — é o nome certo  
Do Povo da região.

Meu estimado Zé Gordo  
Você, por certo, merecc,  
Nossa sincera homenagem  
E o povo lhe agradece  
Por tudo que fez na raça,  
Falta seu Busto numa Praça  
De Cristalina que cresce.

F I M



Rodolfo Coelho Cavalcante  
Trovador Brasileiro

Caixa Postal, 916  
CEP 40.000  
Salvador — Bahia

Está dizendo o povão  
Que Zé Gordo voltará  
Isto não afirmo, porém,  
Ninguém mais duvidará,  
Será ele ou Luiz Alberto  
O candidato mais certo  
Que o povo elegerá.

Rodolfo Coelho Cavalcante

\* \* \*

Se o leitor tem interesse de conhecer "VIDA E LUTA DO TROVADOR RODOLFO COELHO CAVALCANTE", Volume de 324 páginas, de Eno Teodoro Wank e, envie Cr\$ 4.000,00, por VALE POSTAL que conhecerá um poeta do Povo que escreveu quase 2.000 folhetos de Cordel, e fez do Nordeste o palco de sua vida.

Foi palhaço de circo, foi preso pelos cabras de Lampião, foi camelot de remédio, propagandista de Lojas. Coursou Jornalismo, tornou-se Membro de mais de 20 Academias e Entidades Culturais, Líder dos Cantadores e Poetas de Cordel. Um dos pioneiros do Movimento da Trova, no Brasil. Diretor de dois jornais "BRASIL POÉTICO" e "A TROVA".